

Colóquio IESE
19-21 de Setembro de 2017

Michel Cahen

Casa de Velázquez (Madrid) e centro de investigação “Les Afriques dans le monde” (CNRS-Sciences po Bordeaux)

A Renamo, um assunto
para historiadores e cientistas sociais*

Rascunho, não citar sem autorização

Esta minha comunicação quase que não é uma comunicação: é uma chamada pública, para que o assunto “Renamo” saia da mera discussão política ou da esfera dos artigos de atualidade para se tornar um *assunto como qualquer outro* nas ciências sociais e em particular na história.

Pois, queria apresentar aqui algumas observações para melhor forjar a *historicidade* do assunto “Renamo”.

Com efeito, em Moçambique, ao contrário de Angola, a passagem da primeira idade colonial – o período mercantil e escravocrata –, para a segunda – o período do capitalismo colonial –, tomou também a forma de uma viragem geopolítica de maior importância: o abandono das ricas regiões agrícolas do Norte em proveito de uma economia de serviços dependente da África do Sul, com a mudança de capital da Ilha de Moçambique para o extremo-sul, Lourenço Marques, mudança decidida

* Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no Colóquio Internacional “José Capela e a história de Moçambique: 45 anos depois de *O vinho para o preto*”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 29-30 mai 2017.

em 1898. Beira, tal como Lourenço Marques, foi uma produção desta viragem para o capitalismo colonial. Lourenço Marques era uma mera aldeia colonial (Xilunguine) e não havia nem sequer uma aldeia na foz do Rio Pungué quando a decisão de construir Beira foi tomada em 1887, suplantando a velha Sofala. No entanto, mesmo se Lourenço Marques e Beira são cidades da mesma geração histórica, as suas posições geopolítica e geoeconômica foram muito diferentes. Mesmo o olhar dos brancos sobre a sua colónia ia ser diferente entre os de Lourenço Marques e os da Beira. Os brancos da Beira vieram de uma entidade política que, até 1942 não era a colónia de Moçambique, mas o Território de Manica e Sofala, sob a vigência da Companhia de Moçambique. Tinham uma autonomia colonial de facto. E sempre, os brancos da Beira lamentaram esta perda de autonomia, como lembrou recentemente Egídio Guambe na sua tese de doutoramento¹. Também aqui, a partir da nomeação do Bispo Manuel Resende, o catolicismo foi diferente. E o protestantismo não era dos Suíços como no Sul, mas dos congregacionalistas americanos. A cidade colonial beirense sentia muito a dominação e o centralismo laurentinos, além do lisboeta. Não é de esquecer que Humberto Delgado, candidato da oposição às eleições presidenciais, venceu aqui as eleições de 1958, apesar das tentativas de fraude. E não foi em Mueda, em Junho de 1960, que começou a luta anticolonial moderna², mas no sul de Sofala e norte de

¹ Egídio Guambe, « Réformer l'administration pour renégocier la centralité de l'État au Mozambique. Analyse à partir du cas des municipalités de Quissico, Beira, Mueda et Ribáuè », tese de ciências políticas, Institut d'études politiques-Université de Bordeaux, 10 de novembro de 2016.

² Não estou falando aqui da resistência a penetração colonial, dita resistência “primária”, mas da resistência à dominação colonial já estabelecida, dita resistência “segundária”. Sobre os motins de Machanga e Mambone, estou preparando um estudo aprofundado, mas já se pode ver: “Les “mutineries” de la Machanga et de Mambone (1953) : conflits sociaux, activisme associatif et tension religieuse dans la partie orientale de la “zone vandau””, Bordeaux, Janeiro de 1991, CEAN-IEP, 55 p. mimeo; e “L’anticolonialisme identitaire : conscience ethnique et mobilisation anti-portugaise au Mozambique (1930-1965)”, in Colette Dubois, Marc Michel & Pierre Soumille (eds), *Frontières plurielles, Frontières conflictuelles en Afrique subsaharienne*, Paris, L’Harmattan, 2000, pp. 319-333,

Inhambane, com os motins da Machanga e Mambone em 1953 e 1954, vilas da foz do rio Save – revoltas quase completamente ignoradas na historiografia moçambicana e na narrativa nacional emergente. Isto é, a nível da sócio-história, não há dúvida alguma que Beira e a região de Sofala fazem parte do Sul de Moçambique – e é bom lembrar aqui que o centro geográfico de Moçambique está em Quelimane – mas no nível geopolítico, fazem parte do Norte. Não é uma questão étnica, e uma questão de relacionamento entre as populações colonial e indígena e o Estado colonial, que provocou cristalizações identitárias mais regionais do que étnicas. Isto é, Beira é a parte “moderna” do “Velho Moçambique”³ que tentou sobreviver nas regiões do rio Zambeze, na Zambézia, nas costas nordeste de Moçambique; este “Velho Moçambique” cujas elites crioulas de todas as espécies ligadas ao mundo do Índico, e também as populações indígenas, foram marginalizadas pela viragem para o extremo-Sul⁴.

No entanto, os desequilíbrios criados por essa viragem colonial foram mantidos e mesmo agravados pela política de “*modernização autoritária*” da Frelimo – isto é uma política económica, social e simbólica de hostilização das relações sociais originais no seio do campesinato, entendidas, numa leitura simplista do marxismo, como “feudalismo” e “obscurantismo” –, modernização autoritária que foi chamada “construção do socialismo”. Este paradigma era ligado a um imaginário nacional que, apesar de ser dito

Estou também preparando novo estudo sobre Mueda, mas já se pode consultar “The Mueda Case and Maconde Political Ethnicity. Some notes on a work in progress”, *Africana Studia* (Porto), n° 2, 1999: 29-46.

³ Criei a expressão “Velho Moçambique” para designar as regiões e as formações sociais que constituíam o centro de gravidade de Moçambique durante a primeira idade colonial e que, depois da viragem para o Sul decidida durante transição para o capitalismo colonial, sobreviveram numa situação politicamente marginal mas também mais e mais social e economicamente – marginalização que se agravou depois da independência. Fiquei muito contente quando Sérgio Chichava apanhou esta expressão para o título da sua tese (veja nota a seguir).

⁴ Sérgio Chichava, « Le "Vieux Mozambique" : l'identité politique de la Zambézie », tese de ciências políticas, Institut d'études politiques-Université Montesquieu Bordeaux 4, 8 de Junho de 2007.

numa linguagem “marxista-leninista” ficava muito português e até salazarista: uma nação homogénea, uma só língua, o Estado como principal ator da economia, um regime de partido único, um sindicalismo ligado ao poder de Estado, isto é corporativista, uma fortíssima centralização. A decisão de manter Lourenço Marques como capital do país foi a ilustração espetacular da decisão de não modificar os desequilíbrios criados pelo capitalismo colonial da segunda idade da colonização. Mas também é interessante notar que, para a jovem elite política da Frelimo, não era *concebível*, nem era *imaginável*, escolher uma capital que não fosse Lourenço Marques, porque esta era o protótipo mais urbano, mais lusófono e mais moderno da nação projetada e desenhada de uma maneira principalmente negativa (os “Abaixos!”: abaixo o feudalismo, o obscurantismo, o tribalismo, o divisionismo, etc.). A Frelimo era anti-imperialista e anti-tribalista, mas ao mesmo tempo era contra a sociedade africana, não queria *partir dela* para construir uma nação pluralista mas impor a ela uma nação homogénea – a dita “Unidade nacional” a que voltou recentemente Luís de Brito⁵.

Esse paradigma de “modernização autoritária” é que explica em grande medida *não* a existência da Renamo, mas a capacidade dela em conquistar uma base social em partes importantes de Moçambique, precisamente em Sofala, em Tete, na Zambézia e em Nampula. O facto de que Moçambique, como país, ter pago muito caro a circunstância de ser vizinho dos regimes brancos minoritários da Rodésia e da África do Sul

⁵ Luís de Brito, “Instituições políticas e unidade nacional”, in L. de Brito et alii (eds), *Desafios para Moçambique 2016*, Maputo, IESE, Marimbique, 2016, pp. 23-32.

não explica a capacidade de um grupo rebelde em construir uma importante base social no campesinato.

No entanto, se os desequilíbrios que acabei de mencionar são económicos, sociais e políticos, também são *cognitivos*. O colonialismo do século XX sobrevalorizou a sua própria história no Sul da colónia no que toca o século XIX e a Frelimo fez a mesma coisa. O exemplo paradigmático é a breve guerra contra Ngungunhane, feito um inimigo feroz dos portugueses quando, durante 90% do seu reino, fora seu aliado. Foram inventadas operações militares importantes quando as principais guerras que Portugal travou para a conquista efetiva do território foram no Norte do país: em particular houve um outro tipo de guerra de conquista, uma espécie de “guerra civil intracolonial”, entre o Portugal reinol com as suas tropas enviadas na colónia e aumentadas de auxilários africanos e os prazeiros, igualmente portugueses – mesmo que fossem negros ou mestiços –, mas portugueses de cá e doravante incompatíveis com a conquista efetiva do território⁶. Por assim dizer, uma guerra civil entre a primeira idade colonial e a segunda...

A Frelimo fez a mesma coisa, fazendo de Ngungunha um herói anticolonial, até hoje o único chefe africano precolonial feito oficialmente herói, quando a sua dinastia foi tão invasora e colonialista que os Portugueses.

Outro exemplo é a grande importância dada, na narrativa nacional, à figura de Eduardo Mondlane, que à semelhança da elite dirigente da

⁶ Ver em particular os trabalhos de René Pélissier, *História de Moçambique*, 2 vols, Lisboa, Editorial Estampa, 2000 (1ª ed. francesa : 1988). É de lembrar que os prazos representavam, num dado território, a coroa portuguesa. Se a instituição prazeira mudou muito ao longo dos séculos, os prazos nunca chegaram a constituir entidades políticas africanas, mas mantiveram-se como um tipo de Estados secundários entre o Estado imperial português e as chefaturas africanas, em representação da coroa.

Frelimo na altura, era do Sul. A exaltação de Mondlane reforçou-se sobretudo depois da viragem neoliberal porque Mondlane podia ser o protótipo de herói não “comunista”. E, com certeza, o papel, a figura, a obra de Mondlane, foram importantíssimos⁷. Mas porquê é que não se fala, não se pesquisa sobre Kamba Simango, o primeiro moçambicano tendo feito estudos superiores, muito antes de Mondlane, aliás também nos Estados Unidos e fomentador de uma importante organização nacionalista, o Núcleo Negrófilo de Manica e Sofala, reprimida em 1953 e proibida definitivamente pelo colonizador em 1956?⁸

Felizmente, a jovem pesquisa moçambicana e assim como a estrangeira, modificou *parcialmente* essa situação cognitiva, com a multiplicação de trabalhos sobre o centro e o norte do país. Mas, em proporção com a superfície e a população do centro e do norte de Moçambique, fica um desequilíbrio.

Tanto mais que esses desequilíbrios tradicionais da história de Moçambique continuam e parecem reproduzir-se sob um outro aspecto: a quase ausência de estudos, nas ciências sociais e humanas, sobre a Renamo e o que vou chamar o “mundo da Renamo”, isto é não só a organização em si, mas as sociedades que viveram sob seu domínio ou apoiaram-na. Pessoalmente, não conheço nenhuma tese de mestrado, até nenhuma dissertação de licenciatura, feitas em Moçambique, e cujo tema,

⁷ Publiquei recentemente um artigo sobre o assunto : « Un autre regard sur Eduardo Mondlane », *Social Sciences and Missions*, 30, 2017 : 163-169.

⁸ Não é de admirar que esta figura esteja hoje a ser usada pelo MDM que lhe considera herói... Até hoje, entre os pouquíssimos estudos sobre Kamba Simango, o principal foi de Mário Pinto de Andrade, “Proto-nacionalismo em Moçambique : um estudo de caso : Kamba Simango. 1890-1967”, *Arquivo/Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, 6, 1984: 127-148, mas o conceito de “proto-nacionalismo” é altamente questionável e teleológico, como se o único “nacionalismo” possível era o definido à escala de todo o território colonial, que apareceu depois. Vários estudos estão avançando sobre esta história (Lorenzo Macagno, Eric Morier-Genoud, Michel Cahen...).

ou tema central, seja a Renamo ou o mundo da Renamo. Posso errar, *tenho a esperança de errar*, mas de qualquer maneira, o que existe deve ser uma pequeníssima exceção. O importante projeto lançada anos atrás por João Paulo Borges Coelho e Sérgio Nathú Cabá sobre a história social da guerra em Moçambique⁹, tentou quebrar com isso, incluindo alguns capítulos sobre as zonas da Renamo, mas principalmente vistas a partir da documentação do lado da Frelimo – além de nunca ter sido publicado.

Quanto a teses de doutoramentos defendidas por moçambicanos no estrangeiro, algumas pouquíssimas incidem sobre a Renamo (penso na tese de Domingos do Rosário sobre as autarquias vencidas pela Renamo entre 2003 e 2008 e todas perdidas nesta data¹⁰; ou nas pesquisas de antropologia e de etnopsiquiatria de Vitor Igreja¹¹). Há, sim, uma exceção setorial: existem alguns trabalhos sobre a reintegração dos antigos combatentes da guerra civil, incluindo os da Renamo, da mesma maneira que houve estudos sobre as crianças-soldados. Mas é o processo de reintegração no mundo civil que é estudado, não bem o mundo da Renamo em si.

No quadro da pesquisa não moçambicana, sem falar de artigos do tempo da guerra civil que eram para denunciar a Renamo mais do que para

⁹ O manuscrito foi completado em 2003.

¹⁰ Domingos do Rosário, « Les mairies des autres. Une analyse politique, socio-historique et culturelle des trajectoires locales. Le cas d'Angoche, de l'Île de Moçambique et de Nacala Porto tese de ciências políticas, Institut d'études politiques-Université Montesquieu Bordeaux 4, 3 de Abril de 2009.

¹¹ Vitor Igreja, "The Monkeys' sworn oath : Cultures of engagement for reconciliation and healing in the aftermath of the civil War in Mozambique", tese de antropologia, Leiden, Universiteit Leiden, 2007. O mesmo autor publicou muitos artigos que incidem, pelo menos parcialmente, sobre o mundo da Renamo, entre outros : "Memories as Weapons: The Politics of Peace and Silence in Post-Civil War Mozambique", *Journal of Southern African Studies*, 34, 2008: 539-56 ; "Gamba Spirits, Gender Relations, and Healing in Post-Civil War Gorongosa, Mozambique", *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 2008, 14: 350-367; "Os Recursos da Violência e as Lutas pelo Poder Político Moçambique", in L. de Brito et alii (eds), *Desafios para Moçambique 2015*, Maputo, IESE, Marimbiq, 2015, pp. 29-50.

estudá-la, livros ou artigos já antigos de Alex Vines¹², Carry Manning¹³, Caroline Nordstrom¹⁴, Margaret Hall & Tom Young¹⁵, Michel Cahen¹⁶, incluíram a Renamo. Se deve citar também a pesquisa do antropólogo português José Fernando Florêncio¹⁷ sobre as chefaturas tradicionais, que incide em parte sobre o mundo da Renamo. Em 2014, houve o livro de Stephen Emerson, uma história militar da guerra civil, que obviamente incluí numerosos dados sobre a Renamo¹⁸. E em Agosto de 2018, vai sair o livro de Eric Morier-Genoud, Michel Cahen & Domingos do Rosário sobre as dinâmicas locais da guerra civil em Moçambique¹⁹.

Tudo isso junto fica, ao meu ver, ainda muito insuficiente para acabar com uma situação onde o olhar sobre Moçambique fica predominantemente um olhar a partir da esfera do mundo social do Estado moderno, isto é o mundo social da Frelimo.

Isto quer dizer que precisamos, para Moçambique (e com certeza para outros países africanos) de *estudos subalternistas*. É como se a origem vergonhosa da Renamo, apoiada pela Rodésia e pela África do Sul do apartheid, impedia a investigação de orientar-se mais sobre ela. Também há dificuldades editoriais criadas pelo ambiente político conturbado do Moçambique de hoje. Por exemplo, há anos que o manuscrito de

¹² Alex Vines, *Renamo: from terrorism to democracy in Mozambique?*, Londres, University of York, 1996.

¹³ Carrie L. Manning, *The Politics of Peace in Mozambique: Post-conflict Democratization, 1992-2000*, Santa Barbara, Praeger, 2002.

¹⁴ Carolyn Nordstrom, *A Different Kind of War Story*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1997.

¹⁵ Margaret Hall & Tom Young, *Confronting Leviathan: Mozambique Since Independence*, Athens (Oh), Ohio University Press, 1997.

¹⁶ Michel Cahen, *Os outros. Um historiador em Moçambique, 1994*, Basileia, P. Schlettwein Publishing Foundation, 2003.

¹⁷ Fernando Florêncio, *Ao Encontro dos Mambos. Autoridades Tradicionais VaNdau e Estado em Moçambique* Lisbon, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2005.

¹⁸ Stephen A. Emerson, *The Battle for Mozambique: The Frelimo–Renamo Struggle, 1977–1992*, West Midlands, Helion & Co. Ltd, 2014.

¹⁹ Eric Morier-Genoud, Michel Cahen & Domingos do Rosário, *The War Within. New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992*, Martlesham (R.-U.), James Currey, a sair em Agosto de 2018.

memórias de Hassane Armando, um jovem que testemunhou o massacre de Homoine em Julho de 1987, foi raptado pela Renamo e viveu meses nas zonas dela, espera por uma editora em Moçambique. Nenhuma ousou publicar as suas memórias do massacre, como se a guerra civil era para esquecer e não para estudar.

Não é fácil trabalhar sobre a Renamo, com certeza. Não há arquivos da Renamo bem organizados como os da Frelimo, nem sempre é fácil, num ambiente de grande desconfiança, obter entrevistas, e sobretudo conseguir entrevistas *interessantes*, com dirigentes, quadros médios e locais, militares da Renamo, mulheres do Destacamento Feminino da Renamo. Mas será que é fácil trabalhar sobre a Frelimo? Talvez o estudo da Frelimo seja ainda mais difícil. Basta para comprovar isso que ainda não sabemos quem, dentro da Frelimo, decidiu, e exatamente quando, o abandono do dito “marxismo-leninismo”, abandono oficializado no quinto congresso de 1989; e alguns meses depois, quem exatamente decidiu a passagem para o pluralismo político. Nunca o comité central foi consultado de antemão sobre essas decisões e o Vº congresso não discutiu do fim do partido único... Pois, a Frelimo também é um assunto difícil. No entanto, no que toca à Renamo, o tempo é um fator facilitador. Gente que, alguns anos atrás, não teria falado, pode aceitar fazê-lo hoje. Pode haver tendências contrárias: por exemplo, os dois períodos recentes de volta a confrontos militares em Moçambique, 2013-14 e 2015-2016, fecharam de novo muitas bocas, por medo, ou impossibilidade de trabalho de terreno. No entanto, a tendência a longo prazo deve ir no sentido de facilitar essa investigação.

Há muitos aspetos que precisamos de aprofundar, de que vou citar somente alguns exemplos:

– a estrutura militar da Renamo durante a guerra civil ainda é mal conhecida. O que sabemos é que não se tratava de bandidos armados ou de mercenários, mas de um exército de guerrilha muito disciplinada. Alguns trabalhos recentes de Eric Morier-Genoud e os meus próprios vão avançando um pouco mas estamos longe de poder fazer a história da evolução da estrutura da Renamo durante os 16 anos da guerra civil;

– em margem da estrutura militar propriamente dita, seria bom um estudo das milícias da Renamo, nomeadamente os *mudjibas*.

– precisamos de uma história *social* das zonas da Renamo durante a guerra civil. Os trabalhos pioneiros de Christian Geffray²⁰, os trabalhos contraditórios de Otto Roesch²¹, abriram pistas, mas deve-se ir muito mais longe. Como funcionavam essas zonas no plano económico? Como funcionava o comércio de troca nelas? Sabemos algo das relações sobre os chefes tradicionais e a Renamo, mas estamos longe de poder descrever o dia-a-dia dessas relações

– precisamos de uma história em termos de *gêneros*, não só das zonas da Renamo, mas mesmo dentro da Renamo

– precisamos de uma história *religiosa* das zonas da Renamo, nomeadamente, mas não exclusivamente, nas regiões de forte implantação muçulmana. A ligação entre as confrarias sufis e a implantação da Renamo deve ser melhor estudada

²⁰ Christian Geffray, *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*, Porto, Afrontamento, 1991; C. Geffray & Mogens Pederson, “Nampula en guerre”, *Politique Africaine*, 29, 1998: 28-40 [ed. port.: “Sobre a guerra na província de Nampula: elementos de análise e hipóteses sobre as determinações e consequências socio-económicas locais”, *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 4-5, 1986: 303-318].

²¹ Otto Roesch, “Renamo and the Peasantry in Southern Mozambique: A View from Gaza Province”, *Canadian Journal of African Studies*, 26/3, 1992: 462-84; ‘Reforma económica em Moçambique: notas sobre a estabilização, a guerra e a formação das classes’, *Arquivo: Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique* 11 (1992), 5-35.

– precisamos da multiplicação de monografias históricas e etnográficas *locais* sobre a implantação da Renamo, durante e depois da guerra civil. Moçambique é um país muito heterogéneo e as mesmas causas não produziram os mesmos efeitos em toda parte. Se sabemos que a política de “modernização autoritária” da Frelimo explica em larga medida a capacidade da Renamo em se implantar, houve, no entanto, muitas comunidades camponesas vítimas dessa mesma política e que, no entanto, ficaram fieis à Frelimo. Muitas vezes, para perceber porquê é que tal comunidade ficou fiel à Frelimo e outra passou à Renamo, temos que recuar até ao tempo colonial e mesmo ao fim do século XIX, isto é, ao momento em que se constrói, ou justamente, não se constrói, uma relação estabilizada entre essas comunidades e o Estado moderno, colonial e depois pós-colonial.

– além disso, temos que quebrar o maniqueísmo da história da guerra civil. Esta teve, com certeza dois atores principais, mas não só dois atores. Já é bom lembrar que há uma situação de guerra civil na Alta Zambézia logo em 1976, com o surgimento do Partido Revolucionário de Moçambique, que se fundará só mais tarde (1982) com a Renamo²²; que houve milícias privadas; que houve os Naparamas²³, etc.

O mundo da Renamo represente aproximadamente 40% de Moçambique, geográfica e demograficamente. Além deste argumento

²² Sobre o PRM, ver o capítulo de Sérgio Chichava, “The Anti-Frelimo Movements and the War in Zambezia”, in E. Morier-Genoud, M. Cahen & D. do Rosário, *The War Within...*, *op. cit.*, capítulo 1. Este capítulo é oriundo da pesquisa doutoral de S. Chichava (veja notas 4 et 23).

²³ Além do trabalho de S. Chichava, um grande progresso foi feito sobre os Naparamas, em Corinna Jentsch, “Milicias and the Dynamics of Civil War”, tese de ciências políticas, Yale University, New Haven, CT, 2014; — “Spiritual Power and the Dynamics of War in the Provinces of Nampula and Zambezia in Mozambique”, in E. Morier-Genoud, M. Cahen & D. do Rosário, *The War Within...*, *op. cit.* capítulo 3; e Domingos do Rosário, “War to Enforce a Political project? Renamo in Nampula Province, 1983-1992”, *ibid.*, capítulo 2.

factual, deve-se parar com uma situação onde a pesquisa sobre a Renamo fica mais ou menos tabú; deve tornar a ser um assunto objeto de discussão aberta, o que é muito importante também para sarar feridas, para estabelecer mais confiança entre os diferentes segmentos da sociedade moçambicana, enfim, para criar qualquer coisa que podia ser uma comunidade de cidadãos, até uma nação!

Descolonizar o saber é também, na investigação, acabar com os desequilíbrios cognitivos criados pela colonização e mantidos pela Frelimo. Isto é: descolonizar o saber também será “des-sulizá-lo”.